

Andrew

1

ALGUNS MESES ATRÁS, quando eu estava deitado naquela cama de hospital, não achava que estaria vivo hoje, muito menos esperando um bebê e noivo de um anjo de boca suja. Mas aqui estou. Aqui *estamos*, Camryn e eu, enfrentando o mundo... de uma forma diferente. As coisas não aconteceram exatamente conforme planejamos, mas também isso raramente é o caso. E nenhum dos dois mudaria o modo como elas aconteceram, mesmo se pudesse.

Adoro esta poltrona. Era a favorita do meu pai, e a única coisa que eu queria dentre tudo o que ele me deixou. Claro que herdei um cheque gordo que sustentará a mim e a Camryn por um tempo, e claro que herdei o Chevelle, mas a poltrona também tinha um valor sentimental para mim. Camryn a odeia, mas não diz isso em voz alta, porque pertenceu ao meu pai. Não posso culpá-la; a poltrona é velha, fede e tem um buraco no estofamento da época que meu pai fumava. Prometi pra ela que contrataria alguém pra pelo menos limpar a poltrona. E vou fazer isso. Assim que ela decidir se vamos ficar em Galveston ou mudar pra Carolina do Norte. Topo qualquer uma das opções, mas algo me diz que ela está escondendo o que quer de verdade por minha causa.

Ouçõ a água do chuveiro sendo fechada, e segundos depois um *bang* alto atravessa a parede. Salto da poltrona, derrubando o controle remoto no chão ao correr para o banheiro. A borda da mesinha de centro arranca um bife da minha canela no caminho.

Eu escancaro a porta do banheiro.

— O que aconteceu?

Camryn balança a cabeça para mim e sorri enquanto se abaixa para pegar o secador de cabelo do chão ao lado da privada.

Eu suspiro aliviado.

— Você é mais paranoico do que eu — ela diz rindo.

Ela olha de relance para a minha perna, que esfrego com as pontas dos dedos. Deixando o secador no balcão da pia, ela se aproxima e beija o canto da minha boca.

— Pelo jeito, não sou eu que preciso me preocupar com uma tendência a sofrer acidentes. — Ela sorri.

Seguro seus ombros e a puxo mais para perto, deixando uma mão escorregar para sua barriguinha saliente. Mal se percebe que ela está grávida. No quarto mês, achei que ela estaria do tamanho de um bebê hipopótamo, mas eu lá entendo dessas coisas?

— Pode ser — digo, tentando esconder o rubor do meu rosto. — Você deve ter feito isso de propósito, só pra ver quanto tempo eu levaria pra entrar aqui.

Ela beija o outro canto da minha boca e aí apela, me beijando completa e profundamente enquanto aperta seu corpo úmido e nu contra o meu. Eu gemo em sua boca, envolvendo-a em meus braços.

Mas então me afasto antes de cair em sua armadilha ardilosa.

— Caramba, mulher, você tem que parar com isso.

Ela retribui meu sorriso.

— Quer *mesmo* que eu pare? — ela pergunta, com aquele seu sorriso de quem está pensando no que não presta.

Fico apavorado quando ela faz isso. Uma vez, depois de uma conversa que terminou com esse sorriso, ela ficou sem fazer sexo comigo por três dias inteiros. Os piores três dias da minha vida.

— Bem, não — respondo nervosamente. — Só agora, quero dizer. Temos exatamente trinta minutos pra chegar no consultório.

Só espero que ela tenha tesão assim a gravidez inteira. Ouvi histórias de terror de mulheres que antes queriam o tempo todo e depois ficaram imensas, e se você as tocasse, viravam dragões cuspidores de fogo.

Trinta minutos. Caramba. Eu podia encostá-la no balcão rapidinho...

Camryn sorri docemente, puxa a toalha do trilho da cortina do chuveiro e começa a se enxugar.

— Fico pronta em dez minutos — ela me informa, me mandando sair com um gesto. — Não se esqueça de regar Georgia. Achou seu celular?

— Ainda não — respondo, enquanto vou saindo, mas então paro e acrescento, com um sorriso sexualmente sugestivo: — Hãã, a gente podia...

Ela fecha a porta na minha cara. Eu saio rindo.

Corro pelo apartamento, procurando minhas chaves debaixo de almofadas e em lugares estranhos, finalmente encontrando-as escondidas sob uma pilha de malas diretas no balcão da cozinha. Paro por um momento e pego uma das cartas. Camryn não me deixa jogá-la fora, porque foi desse envelope que ela leu meu endereço à atendente do serviço de emergência, na manhã em que tive a convulsão. Acho que ela sente que aquele pedaço de papel ajudou a salvar minha vida, mas na verdade a ajudou a acabar descobrindo o que estava acontecendo

comigo. A convulsão era inofensiva. Tive várias. Caramba, tive uma naquele hotel em Nova Orleans, antes de ficarmos no mesmo quarto. Quando finalmente contei isso pra ela, nem preciso dizer que ela não ficou nada feliz comigo.

Camryn vive com medo de que o tumor volte. Acho que se preocupa com isso mais do que eu.

Se voltar, voltou. Vamos enfrentá-lo juntos. Sempre vamos enfrentar tudo juntos.

— Hora de ir, amor! — grito da sala de estar.

Ela sai do quarto usando um jeans um tanto apertado e uma camiseta igualmente justa. E salto alto. *Mesmo? Salto alto?*

— Você vai espremer a nossa filha com esse jeans — comento.

— Não, não vou espremer nossa filha *ou filho* — ela retruca, pegando a bolsa do sofá e jogando-a sobre o ombro. — Você tem certeza demais, mas a gente vai ver. — Ela pega a minha mão e eu a puxo para fora, girando a chave na fechadura antes de fechar a porta com força atrás de nós.

— Eu sei que é menina — digo com confiança.

— Quer apostar? — ela me olha e sorri.

Sáimos no ar morno de novembro e abro a porta do carro para ela, indicando o interior com a palma para cima.

— Apostar o quê? — pergunto. — Você sabe que adoro apostas.

Camryn desliza no banco, enquanto dou a volta e entro. Apoiando os pulsos no alto do volante, olho para ela e espero.

Ela sorri e mastiga de leve o lábio inferior, pensativa por um momento. Seu longo cabelo louro cai sobre os ombros, e os olhos azuis brilham de empolgação.

— É você que parece ter tanta certeza — ela diz finalmente. — Então você diz o que vamos apostar, e eu decido se concordo ou não. — Ela para abruptamente e aponta para mim. — Mas nada sexual. Acho que nessa área você já tem tudo. Pense em alguma coisa... — ela agita a mão diante do rosto — ...não sei... ousada ou importante.

Hmmm. Agora ela me quebrou. Enfio a chave na ignição, mas paro antes de virá-la.

— Tá, então, se for menina, eu escolho o nome — digo com um sorriso suave e orgulhoso.

As sobrancelhas dela tremem um pouco e ela vira o queixo para o lado.

— Não gostei dessa aposta. Isso é uma coisa na qual nós dois devemos participar, não acha?

— Bem, sim, mas você não confia em mim?

Ela hesita.

— Sim... confio em você, mas...

— Mas não pra dar nome a um bebê. — Ergo uma sobrancelha interrogativamente para ela, mas na verdade só a estou provocando.

Ela não consegue mais fitar meus olhos e parece pouco à vontade.

— E então? — instigo.

Camryn cruza os braços e diz:

— Que nome, exatamente, você tem em mente?

— Por que acha que já escolhi um nome? — Viro a chave e o Chevelle ganha vida.

Ela dá um sorrisinho, inclinando a cabeça para o lado.

— Ora, por favor. Obviamente você já escolheu, ou não teria tanta certeza de que é menina e nem estaria apostando comigo enquanto estamos indo fazer um ultrassom.

Desvio o olhar, sorrindo, e engato a ré.

— Lily — digo, e mal olho para Camryn enquanto saímos do estacionamento. — Lily Marybeth Parrish.

Um sorrisinho ergue os cantos de sua boca.

— Na verdade, eu gostei — ela diz, e seu sorriso fica cada vez maior. — Admito que fiquei um pouco preocupada... por que Lily?

— Motivo nenhum. Eu gosto, só isso.

Ela não parece convencida. Estreita um pouco os olhos para mim, com ar brincalhão.

— É sério! — digo, rindo baixinho. — Estou pensando em nomes desde o dia em que você me contou.

O sorriso de Camryn fica mais meigo e, se eu não fosse tão macho, me derreteria todo e me permitiria corar feito um idiota.

— Tá pensando em nomes há tanto tempo? — Ela parece agradavelmente surpresa.

Tudo bem, eu corei mesmo assim.

— Tô — admito. — Ainda não escolhi um nome masculino legal, mas ainda temos vários meses.

Camryn está me olhando com um sorriso. Não sei o que se passa na cabeça dela, mas percebo que meu rosto fica mais e mais vermelho quanto mais ela me olha assim.

— *Que foi?* — pergunto, soltando uma risada.

Ela inclina o corpo e levanta a mão para o meu rosto, puxando meu queixo para o lado com os dedos. E então me beija.

— Meu Deus, eu te amo — ela sussurra.

Levo um segundo para perceber que estou sorrindo tanto que quase fico com câibra no rosto.

— Também te amo. Agora põe o cinto de segurança — aponto para o cinto.

Ela se ajeita no seu lado e afivela o cinto.

No caminho para o consultório, ambos ficamos olhando para o relógio do painel. Mais oito minutos. Cinco. Três. Acho que a ficha cai para ela ao mesmo tempo que para mim quando paramos no estacionamento do prédio. Daqui a pouquinho, poderemos ver nosso filho ou filha pela primeira vez.

É, alguns meses atrás, eu não achava que estaria vivo...

~ ~ ~

— Essa espera tá me matando — Camryn se curva e cochicha para mim.

É tão estranho. Ficar sentado na sala de espera dessa médica, com garotas grávidas pra todos os lados. Tenho um certo medo de cruzar olhares com elas. Algumas parecem putas da vida. Todas as revistas parecem ter um homem na capa, num barco, segurando um peixe pela boca com o polegar. Finjo que estou lendo um artigo.

— Só estamos esperando há uns dez minutos — cochicho em resposta, passando a palma da mão na sua perna, largando a revista no meu colo.

— Eu sei, só tô nervosa.

Quando pego a mão dela, uma enfermeira de jaleco rosa sai de uma porta lateral e chama o nome de Camryn, e nós a seguimos.

Eu me sento contra a parede enquanto Camryn se despe e coloca uma daquelas camisolas de hospital. Tiro sarro dela por estar de bunda de fora e ela finge ficar ofendida, mas o rubor da face a denuncia. E ficamos sentados ali, esperando. E esperando mais um pouco, até que outra enfermeira entra e recebe toda a nossa atenção. Ela lava as mãos numa pia próxima.

— Tomou bastante água uma hora antes da consulta? — a enfermeira pergunta, depois dos cumprimentos.

— Sim, senhora — responde Camryn.

Posso ver que ela teme que haja algum problema com o bebê e que o ultrassom revele isso. Tentei lhe dizer que tudo vai dar certo, mas ela se preocupa mesmo assim.

Ela olha do outro lado da sala para mim, e não posso deixar de me levantar e ir até ela. A enfermeira faz uma série de perguntas e calça um par de luvas de látex. Ajudo a responder as perguntas quando posso, porque Camryn parece mais preocupada a cada segundo que passa e não fala muito. Aperto a mão dela, tentando aliviar a tensão.

Depois que a enfermeira espreme aquele gel sobre a barriga de Camryn, minha mulher respira fundo.

— Nossa, que tatuagem legal você tem — a enfermeira diz. — Deve ser muito especial, pra aguentar fazer uma assim tão grande nas costelas.

— É, é especial com certeza — Camryn diz, e sorri para mim. — É de Orfeu. Andrew tem a outra metade. Eurídice. Mas é uma longa história.

Levanto orgulhosamente a camisa até acima das costelas para mostrar à enfermeira a minha metade.

— Impressionante — a mulher diz, olhando de uma para outra tatuagem. — Não se vê algo assim aqui todo dia.

A enfermeira deixa o assunto de lado e move o sensor sobre o gel, apontando a cabeça, os cotovelos e as várias outras partes do bebê. E eu sinto o aperto de Camryn na minha mão afrouxar aos poucos quanto mais a enfermeira fala e sorri enquanto explica que “tudo parece bem”. Vejo o rosto de Camryn passar de nervoso e tenso a aliviado e feliz, e isso me faz sorrir.

— Então tem certeza de que não há nada com que se preocupar? — Camryn pergunta. — Certeza *absoluta*?

A enfermeira faz que sim e me olha de relance.

— Sim. Até agora não vi nada preocupante. O desenvolvimento está exatamente como o esperado. O movimento e os batimentos cardíacos estão normais. Acho que vocês podem relaxar.

Camryn olha para mim, e sinto que estamos pensando a mesma coisa.

Ela confirma isso quando a enfermeira diz:

— Então, parece que vocês estão curiosos quanto ao sexo. — E nós dois ficamos parados, olhando um para o outro. Ela é tão linda, cacete. Não consigo acreditar que ela é minha. Não consigo acreditar que está grávida do meu bebê.

— Aceito a aposta — Camryn finalmente concorda, pegando-me desprevenido. Ela abre um sorriso radiante e puxa a minha mão, e ambos olhamos para a enfermeira.

— Sim — Camryn responde. — Se for possível agora.

A enfermeira move o sensor para uma área específica e parece estar verificando seus achados pela última vez antes de anunciar.

— Bem, ainda é meio cedo, mas... até agora, me parece uma menina — a enfermeira diz finalmente. — Lá pela vigésima semana, no seu próximo ultrassom, vamos poder determinar o sexo oficialmente.

Camryn

SINCERAMENTE, ACHO QUE nunca vi Andrew sorrir daquele jeito. Talvez naquela noite em que cantei com ele pela primeira vez em Nova Orleans, quando ele ficou tão orgulhoso de mim, mas mesmo assim não sei se alguma coisa poderia se igualar à cara que ele está fazendo agora. Meu coração está batendo nas costelas de empolgação, especialmente com a reação de Andrew. Percebo o quanto ele queria uma menininha e juro que ele está fazendo tudo o que pode para não cair no choro na frente da enfermeira. Ou na minha frente, aliás.

Para mim, nunca importou se seria menino ou menina. Sou como qualquer outra futura mamãe do mundo, que só quer que ele seja saudável. Não que Andrew ache que a saúde do nosso bebê seja menos importante do que o sexo. Sei que não acha.

Ele se curva e me beija de leve nos lábios, seus olhos verdes brilhantes iluminados com tudo de bom.

— Então é Lily — digo, concordando completamente, e beijo-o mais uma vez antes que ele se afaste, passando meus dedos pelo seu cabelo castanho curto.

— Lindo nome — comenta a enfermeira. — Mas é melhor vocês escolherem um nome de menino também, só por segurança. — Ela afasta o sensor e nos deixa curtir um pouco o momento.

Andrew diz à enfermeira de repente:

— Bom, se você ainda não viu um belo pacote no meu bebê, com certeza é menina.

Sufoco uma risadinha e reviro os olhos para a enfermeira. O mais engraçado de tudo é que Andrew falou a sério. Ele inclina a cabeça quando nota a minha expressão divertida.

Passamos o resto do dia fazendo compras. Nenhum dos dois conseguiu resistir. Ficamos olhando coisas de bebê em outras ocasiões, mas nunca compramos muita coisa, porque não sabíamos se devia ser rosa ou azul e não queríamos acabar com um quarto todo amarelo. E, embora ainda haja uma possibilidade de ser menino, acho que Andrew está mais convencido do que nunca de que é menina, por isso entro na onda dele e acredito também. Mesmo assim, ele não me deixa gastar muito!

— Espera — ele insiste, quando vou comprar mais um vestidinho na seção de roupas de bebê. — Você sabe que minha mãe está planejando um chá de bebê, não?

— Sim, mas podemos comprar mais algumas coisas agora. — Eu ponho o vestido no carrinho assim mesmo.

Andrew olha para o carrinho e depois para mim de novo, com a boca cerrada, em contemplação.

— Acho que você já passou de *algumas*, amor.

Ele tem razão. Já pus uns noventa dólares de roupinhas no carrinho. Bom, na pior das hipóteses, se acabar sendo um menino, posso trocar tudo.

E assim se vai o resto do dia, até que passamos na casa da mãe dele para dar a notícia.

— Que maravilha! — Marna diz, me puxando para um abraço. — Eu tinha certeza de que ia ser menino!

Minhas mãos deslizam pelos braços da minha sogra e me sento à mesa da cozinha com Andrew, enquanto ela vai até a geladeira. Pega uma jarra de chá e começa a nos servir.

— O chá de bebê vai ser em fevereiro — Marna diz do balcão. — Já planejei tudo. Você só precisa aparecer. — Ela sorri para mim e guarda a jarra de chá.

— Obrigada.

Ela põe os copos diante de nós e puxa uma cadeira.

Sinto muita falta de casa. Mas adoro estar aqui também, e Marna é como uma segunda mãe para mim. Ainda não consegui tomar coragem para dizer a Andrew o quanto sinto falta da *minha* mãe e de Natalie, de ter uma amiga com quem conversar. Você pode estar apaixonada pelo cara mais incrível do planeta — e, de fato, eu estou —, mas isso não significa que às vezes não seja meio difícil não ter outras amigas. Conheci uma garota da minha idade aqui, Alana, que mora no andar de cima com o marido, mas não consegui me identificar com ela em nenhum aspecto. Acho que, se já estou mentindo para não sair com ela quando ela liga, é porque talvez nunca consiga me entrosar.

Mas acho mesmo que minha tristeza secreta e a saudade de casa e tudo mais são por causa da gravidez. Meus hormônios estão todos alterados. E acho que isso tem muito a ver com as minhas preocupações. Eu me preocupo com tudo, agora. Quero dizer, eu já me preocupava muito antes de conhecer Andrew, mas agora que estou grávida minhas preocupações se multiplicaram: o bebê vai ser saudável? Eu vou ser uma boa mãe? Será que ferrei com minha vida... Tô fazendo isso de novo. Porra. Sou uma pessoa horrível. Cada vez que penso algo assim, me sinto tão culpada. Amo nosso bebê e não mudaria como

as coisas estão nem se eu pudesse, mas não consigo deixar de me perguntar se eu... se *nós* não fizemos merda engravidando tão rápido.

— Camryn? — Ouço a voz de Andrew e acordo dos meus pensamentos profundos. — Você tá bem?

Forço um sorriso convincente.

— Tô, tô bem. Só tava sonhando acordada. Sabe, prefiro violeta em vez de rosa.

— Eu vou escolher o nome dela — Andrew diz —, então você pode escolher as cores que quiser. — Ele põe a mão por cima da minha sobre a mesa. Tenho vontade de sorrir só de saber que ele se importa com coisas assim.

Marna afasta o copo dos lábios e o deixa sobre a mesa, diante de si.

— É? — ela pergunta, intrigada. — Vocês já escolheram um nome?

Andrew balança a cabeça.

— Lily Marybeth. O segundo nome de Camryn é Marybeth. Ela deve ter o nome da mãe.

Meu Deus, ele acaba de derreter meu coração. Eu não mereço ele.

Marna sorri para mim, seu rosto cheio de felicidade e de todas as emoções que se possa imaginar que alguém como a mãe de Andrew sintia. Não só seu filho venceu a doença e voltou mais forte, depois de estar à beira da morte, mas agora ela tem uma neta a caminho.

— Bem, é um lindo nome — ela elogia. — Pensei que Aidan e Michelle teriam filhos primeiro, mas a vida é cheia de surpresas. — Algo no modo como ela disse isso parecia ter um significado oculto, e Andrew nota.

— Tá acontecendo alguma coisa com Aidan e Michelle? — Andrew pergunta, tomando um gole rápido de chá.

— Só coisas de casal — ela responde. — Nunca vi nenhum casamento sem *algum* tipo de dificuldade, e eles estão juntos há muito tempo.

— Quanto tempo? — pergunto.

— Casados, só há cinco anos — Marna nos conta. — Mas estão juntos há uns nove, acho. — Ela balança a cabeça pensando mais um pouco, satisfeita com sua memória.

— Deve ser culpa de Aidan — comenta Andrew. — Eu não iria querer ser casado com ele. — Ele ri.

— É, seria esquisito — concordo, franzindo o nariz para ele.

— Bem, Michelle não poderá vir para o chá de bebê — avisa Marna. — Ela tem que ir a alguns congressos em dezembro e sua agenda não permite, especialmente por ela estar tão longe. Mas provavelmente vai mandar os melhores presentes de todos. — Ela sorri docemente para mim.

Retribuo o sorriso e tomo mais um gole, mas minha mente está vagando de novo e não consigo evitar. Só consigo pensar no que ela disse algumas frases antes, sobre não conhecer nenhum casamento sem dificuldades. E imediatamente volto para o modo de preocupação.

— Você faz aniversário dia 8 de dezembro, certo, Camryn?

Pisco os olhos e volto para o presente.

— Oh... sim. O grande dia. Vinte e um anos.

— Bem, então pelo jeito vou precisar planejar uma festa de aniversário também.

— Ah, não, não precisa.

Ela rejeita meu apelo como se fosse ridículo, e Andrew fica lá sentado, sorrindo com cara de bobo.

Eu me rendo porque sei que com Marna nem adianta tentar.

Voltamos para casa depois de uma hora, e já está escurecendo. Estou tão cansada pela correria do dia e pela empolgação com Lily.

Lily. Não consigo acreditar que vou ser mãe. Um sorriso se espalha pelo meu rosto quando entro na sala. Deixo a bolsa na mesinha de centro e desabo na almofada do meio do sofá, jogando os sapatos longe. Mas logo Andrew está sentado ao meu lado, com aquele ar de entendimento em seu lindo rosto.

Consegui enganar Marna, mas devia imaginar que não conseguiria enganá-lo.